

A TRADUÇÃO COMO CRIAÇÃO POÉTICA NA OBRA DE HERBERTO HELDER

Izabela Guimarães Guerra LEAL¹
Rafaella Dias FERNANDEZ²

Resumo

O presente artigo propõe refletir sobre a relação entre autor e leitor proposta por Sartre, ressaltando a importância da liberdade nesta relação para a criação de uma obra de arte, dialogando com a importância da linguagem presente nas reflexões de Heidegger, para, por fim, estabelecer uma conexão entre os dois pensadores e o poeta português contemporâneo Herberto Helder, principalmente no que concerne a tradução, visto que para o poeta esta atividade é essencialmente criadora, artística e poética. Assim, procuraremos relacionar as propostas filosóficas de Sartre e Heidegger à problemática moderna da tradução contemporânea, levando em consideração pontos em comum entre eles e Herberto Helder, a liberdade na criação da obra de arte.

Palavras-chave: Tradução, Criação, Metamorfose, Obra de arte, Liberdade.

Jean-Paul Sartre, em um ensaio intitulado “Por que escrever?” propõe desvendar a pergunta que inicia suas reflexões e que é o título desse estudo. O autor inicia suas reflexões afirmando que um dos motivos de criar uma obra de arte é a necessidade de se sentir essencial em relação ao mundo: “Um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo” (SARTRE, 1989, p. 34). Sartre utilizou como exemplo o fato da paisagem da natureza existir quer o homem exista ou não, ou seja, o ser humano é inessencial para a paisagem, conhecê-la, desvendá-la, não torna o ser essencial a ela. Nós somos os detectores da paisagem, mas não os seus produtores.

Sendo assim, a vontade de criar algo se deve pelo fato do ser humano querer se sentir essencial em relação ao mundo, introduzindo uma relação entre as coisas que antes não existia, e, a partir disto, se sentir essencial por produzir uma nova ordem, uma nova reorganização das coisas, então o autor torna-se essencial a sua criação. Mas, por outro lado, há sempre algo suspenso em toda obra de arte, a maleabilidade das coisas, a constante transformação que o próprio criador pode fazer em sua obra, não permite que o objeto, que a criação se imponha, com isto, a obra de arte nunca está concluída, está sempre se modificando.

Sartre relaciona a criação artística ao ato de escrever e ao de ler, pois ambas as tarefas não estão distantes da criação, visto que o autor, ao escrever, possibilita ao leitor uma liberdade artística, tornando a leitura uma criação, e se possibilita uma criação à medida que reproduz uma relação com o mundo. O ato de ler e o ato de escrever não são

¹ Izabela LEAL, (Profa. Dra. da Universidade Federal do Pará, UFPA, do Instituto de Letras e Comunicação, ILC), e-mail para contato: izabelaleal@gmail.com

² Rafaella FERNANDEZ, (Mestranda em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, UFPA), e-mail para contato: rafaelladiaz_fernandez@hotmail.com

ações isoladas, uma complementa a outra, e uma necessariamente depende da outra para existir. Um livro fechado é só um objeto sem função, um livro ao ser lido estabelece uma relação com o mundo na medida em que carrega um pouco do mundo consigo, o artista confia ao leitor a tarefa de completar aquilo que iniciou na obra de arte, por isso a obra de arte não possui fim, pois cada leitor irá ressignificar a obra de um jeito diferente.

Há uma coexistência obrigatória entre o autor e o leitor, entre a escrita e a leitura, o que o autor produziu na escrita precisa ser reproduzido pelo leitor para poder ganhar vida, para poder estabelecer uma relação existencial no mundo. Por isso, Sartre afirma: “... a criação só pode encontrar sua realização final na leitura...” (SARTRE, 1989, p. 39). O livro não visa uma finalidade, ele em si próprio já representa a finalidade, a totalidade do universo está presente nele e em cada interpretação desvendada graças à liberdade que o autor possibilitou ao leitor. A obra de arte e suas manifestações, como o livro, se propõe como fim, se oferece como fim, para que haja uma liberdade criadora ao leitor.

A partir disto, Sartre afirma que: “... o ato criador visa a uma retomada total do mundo...” (SARTRE, 1989, p. 47). A obra de arte jamais se esgota por isso, porque está constantemente retomando ao mundo, cada manifestação artística é uma recuperação da totalidade do universo, inclusive a leitura, cuja importância está presente em toda reflexão deste ensaio de Sartre. O leitor não representa o mundo, ele não possui o papel de apenas reproduzir a apresentação do mundo, ele o recompõe, ele o constrói também, enquanto renova o significado da obra. Por isso a importância da obra de arte, pois ela não se limita ao que já está concretizado, ela ecoa as significações do mundo.

A obra de arte assume o papel essencial para a criação, o ato criador visa retomar o mundo, um quadro nunca é só um quadro, um livro nunca é apenas um livro, ambos são fragmentos que constroem o mundo, então, a principal finalidade da arte é recuperar o mundo e mostrá-lo tal como ele é, mas, para que isso seja possível, é necessário haver liberdade. Com isto, podemos afirmar que a obra de arte representa o mundo e que a leitura é essencial, pois é por meio dela que se torna possível recuperar o mundo, e que a grande finalidade da arte é possibilitar a liberdade ao homem. Afinal, se escreve para possibilitar ao leitor uma liberdade, uma autonomia.

Sartre afirma que o homem não cria o real, mas ele só se manifesta através dele, podemos relacionar esta ideia para pensar na obra de arte. Da mesma forma que o homem não cria o real, a obra de arte não cria a liberdade, mas ela existe para que a liberdade possa se manifestar, da mesma forma que o real só se manifesta porque o homem existe, a liberdade só se manifesta porque a escrita existe.

O pensamento de Sartre é existencialista na medida em que o filósofo acredita que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam e se desvelam dentro da linguagem. Para ele, há uma correspondência entre o ser e a linguagem, mesmo o ser estando dentro da linguagem, há uma relação entre ambos, eles coexistem juntos. Não há uma superioridade da linguagem, como soberana do saber, afinal, ela só se manifesta por intermédio do homem.

A reflexão de Sartre centrada no humanismo como causa de todas as coisas, se difere do pensamento de Martin Heidegger, que em um ensaio intitulado “A Linguagem” propõe refletir sobre a relação da linguagem e do ser. Sartre e Heidegger propõe discutir sobre a linguagem e sua relação com o mundo, por meio do estudo de ambos, é possível perceber contradições e correspondências no que diz respeito ao lugar e importância da linguagem. A primeira diferença entre ambos é o fato de Heidegger reconhecer a linguagem como detentora do saber, diferentemente de Sartre, que acredita em uma correlação entre o ser e a linguagem.

Para Heidegger, só onde há linguagem é que há mundo, o que nós buscamos na

obra de arte é o falar da linguagem, pois a linguagem é auto-fundante, ela não possui origem em nada a não ser em si mesma: “Em sua essência, a linguagem não é expressão e nem atividade do homem. A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem. O que procuramos se encontra, portanto, na poética do que se diz.” (HEIDEGGER, 2003, p.14). É possível perceber, com base nesta citação, que Heidegger propõe uma filosofia não humanista, a linguagem não é a expressão de um sujeito nem a representação do mundo, a linguagem é a grande força, é o centro de tudo, isso não quer dizer o que o homem (o sujeito) não exista, mas sim que ele não é o centro da ação, pois ele está dentro da linguagem.

A linguagem não se limita a dizer apenas o que o homem diz, o homem se comunica dentro dela, mas isso não significa que a linguagem seja limitada, ou seja, um mero intermédio de comunicação, ela é muito maior do que o homem, ela é infinita, o homem que não o é. Por isso, o que o homem entende da linguagem não representa o que a linguagem é, mas sim o que ele entende sobre ela, isso é diferente. A ideia do homem sobre a linguagem não limita o sentido dela, mas limita a compreensão do homem sobre o que ela verdadeiramente é, como podemos perceber na citação abaixo:

Em sentido próprio, a linguagem é que fala. O homem fala apenas e somente à medida que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem. De todos os apelos que nós, os humanos, devemos conduzir, a partir de nós mesmos, para um dizer, a linguagem é ela mesma o apelo mais elevado e, por toda parte, o apelo primordial. É a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência de uma coisa. (HEIDEGGER, 2006, p. 167-168).

Assim, segundo Heidegger, a linguagem é a detentora do saber, do controle, de tudo, pois ela que instaura o apelo, o homem faz a escuta, mas a linguagem é a essência, ela é a origem das origens, antes de o homem existir a linguagem já existia, o homem não é o soberano da linguagem, ele já nasce com a linguagem sendo a detentora do saber, o que ele sabe é imposto pela linguagem e acontece dentro dela.

A escuta da linguagem possibilita ao homem perceber a essência poética das coisas: “O co-responder, em que o homem escuta propriamente o apelo da linguagem, é a saga que fala no elemento da poesia.” (HEIDEGGER, 2006, p.168). O poema ao nomear, ao evocar, cria uma realidade concreta daquilo a que se refere, e cria também um mundo, pois a criação poética deriva de um nascer de um novo mundo, assim, o fazer poético possui uma relação íntima com o mundo, à medida que o dizer é o que nomeia o próprio mundo.

Para que o apelo da linguagem seja escutado, é necessário haver o silêncio, assim há na proposta poética de Heidegger uma valorização do silêncio, visto que o homem só consegue fazer a escuta ao apelo da linguagem através dele. Por isso a importância dele, que é a potencialidade da não fala, daquilo que existe e que não é explorado, o silêncio representa aquilo que a fala oculta, mas isso não o torna inexistente, pois ele só existe porque em sua essência há a possibilidade de fala.

A partir dessas reflexões sobre as propostas filosóficas de Sartre e Heidegger, podemos perceber de forma mais nítida as correspondências e as diferenciações em sua hermenêutica. Ambos discutem a problemática da linguagem, mas suas propostas divergem. Por um lado, Sartre estabelece uma relação correspondente entre o homem e a linguagem, relevando a importância de ambos para o surgimento da obra de arte, e considera fundamental o surgimento da obra de arte, pois ela possibilita ao autor e ao leitor uma liberdade e auxilia na formação do mundo, cada obra é uma parte do mundo.

Por outro lado, Heidegger estabelece uma soberania da linguagem em relação ao ser. Para ele, a linguagem precede o surgimento do ser, ela inaugura o ser, ele só surge a partir dela, e não o contrário. Na obra de arte buscamos a essência da linguagem, mas percebemos uma correspondência em relação à criação do mundo, pois Heidegger também propõe que a cada nascer de uma obra de arte, surge com ela uma parte do mundo, assim, tanto em Sartre quanto em Heidegger há uma problemática da linguagem e uma valorização da obra de arte, como sendo peça fundamental para a criação do mundo, para a renovação do ser e de sua relação com a linguagem.

Assim, podemos utilizar essas propostas de reflexão para pensar a tradução como criação literária, do mesmo modo que Sartre considera fundamental a relação entre autor e leitor, à medida que o leitor ao desvendar a obra de arte pratica uma ação criadora e inovadora em relação ao mundo, há também uma correspondência criadora entre o autor e o tradutor, afinal, o tradutor não deixa de ser um leitor, pois ao entrar em contato com a obra estrangeira, pratica uma leitura em língua alheia e uma nova releitura em língua materna, fazendo uma dupla ação criadora, ao possibilitar também a outros leitores uma nova versão da obra estrangeira, desta vez em língua materna.

A tarefa do tradutor literário é se permitir um afastamento do próprio e uma aproximação com o estrangeiro, mas também é necessário que o tradutor se afirme como autor do novo texto, admitindo a liberdade e a autonomia que a tradução poética permite. Desta forma, para o tradutor realizar sua tarefa e se afirmar como um criador, ele precisa superar a posição de apenas transmissor do conteúdo do texto original e afirmar-se como autor de um novo texto. A tradução é um processo criador, o novo texto possui elementos que o diferenciam do texto original, sendo assim, é uma nova obra. Por esse motivo, a tradução literária permite ao tradutor sair do estado de melancolia de apenas transmitir o conteúdo de forma literal, para elevá-lo ao nível do criador, ao trazer à tona concretamente um novo texto.

Este breve percurso feito sobre a relação entre autor/leitor e autor/tradutor, levando em consideração a importância essencial desta dupla relação para a criação da obra de arte, serve de base para introduzirmos uma visão muito peculiar sobre o tema, que é a visão do poeta português contemporâneo Herberto Helder. Em suas obras, o poeta não denomina seus textos de tradução, o termo empregado por ele é “poemas mudados para português”, esta forma de nomear o trabalho tradutório aponta para o gesto de traduzir como criação literária, como criação poética.

Segundo Maria Etelvina Santos, ensaísta portuguesa e estudiosa da obra herbertiana: “o interesse de Herberto Helder pela tradução, no sentido mais amplo de recriação das palavras de outros, surge, desde sempre, interligado com a sua escrita poética própria” (SANTOS, 1998, p.5). Assim, veremos a seguir a importância da tradução na obra de Herberto Helder.

Herberto Helder, em suas obras poéticas, compreende que os elementos do mundo são instáveis, que tudo está em constante transformação, e que apenas duas coisas seriam consideravelmente estáveis em uma obra: o silêncio e a morte do autor. Podemos perceber a importância do silêncio em Herberto Helder da mesma forma que há uma valorização do silêncio em Heidegger, pois é por meio dele que se consegue chegar a uma possível essência da linguagem. Por isso, o silêncio seria considerável porque a fala não é completa, nunca se consegue chegar a um consenso universal, a um entendimento uno, as pessoas sempre têm a necessidade de explicações, uma fala gera a outra e assim por diante.

Através da fala, há um entendimento efêmero acerca dos assuntos tratados e a grande inquietação do poeta é não conseguir dizer tudo o que necessita, assim, só o silêncio seria capaz de ser completo, visto que a fala não consegue ser. O paradoxo é tentar

dizer o indizível, pois como o poeta poderia dizer o silêncio? Então, outra questão considerada estável por Herberto Helder é a morte, pois somente com a morte do autor toda a sua obra estará terminada. Enquanto o autor estiver vivo, ele poderá retirar e acrescentar elementos de sua obra. Isso revela a instabilidade do texto poético. É possível relacionar esta ideia a proposta de Sartre, ao afirmar que os objetos estão sofrendo constantes transformações, inclusive as obras de arte.

A morte também representa o desconhecido, representa aquilo que não podemos experimentar, representa o fim de tudo e a dissolução completa do corpo, da matéria, do indivíduo, como então conseguir dizer tudo o que se pretende se com a morte acaba tudo? Diante da insatisfação do poeta com a plenitude do que pretende exprimir a melhor solução seria transmutar os seres e as obras, utilizando para isso a metamorfose, pois a própria morte é um tipo de metamorfose. A morte é uma transformação de um estado para outro, e só a metamorfose permite uma constante renovação na vida da linguagem e das obras.

É importante também compreender que a tradução é um tipo de metamorfose. A compreensão do sentido da metamorfose é fundamental para introduzir a poética herbertiana e o seu modo de entender a tradução. Herberto Helder propõe que no processo de tradução está inerente uma violência entre as línguas, a atividade tradutória não se afasta do processo de ruptura, de violência, como podemos ver na citação a seguir: “A prática tradutória, para Herberto Helder, é uma prática deformadora e violadora da língua materna; apenas no impasse de traduzir é que nos damos conta das falhas da nossa língua” (LEAL, 2011, p.32). Assim, como veremos a seguir, é através da tradução que podemos perceber as falhas que há na nossa língua e a importância da troca de fluxo com o estrangeiro para um amadurecimento e uma renovação cultural.

A base sobre a qual é construída a poética de Herberto Helder é essa ideia constante de transformação. Para o poeta, o poema é algo que está em movimento, obedecendo apenas a uma lei: a da metamorfose, como o próprio autor nos mostra em um texto de *Retrato em Movimento* (1968), que mais tarde seria integrado e alterado em *Os Passos em Volta* (1997) sob o título de “Teoria das Cores”. Na íntegra abaixo a segunda versão modificada:

Era uma vez um pintor que tinha um aquário com um peixe vermelho. Vivia o peixe tranquilamente acompanhado pela sua cor vermelha até que principiou a tornar-se negro a partir de dentro, um nó preto atrás da cor encarnada. O nó desenvolvia-se alastrando e tomando conta de todo peixe. Por fora do aquário o pintor assistia surpreendido ao aparecimento do novo peixe. O problema do artista era que, obrigado a interromper o quadro onde estava a chegar o vermelho do peixe, não sabia o que fazer da cor preta que ele agora lhe ensinava. Os elementos do problema constituíam-se na observação dos fatos e punham-se por esta ordem: peixe, vermelho, pintor - sendo o vermelho o nexa entre o peixe e o quadro através do pintor. O preto formava a insidia do real e abria um bismo na primitiva fidelidade do pintor. Ao meditar sobre as razões da mudança exatamente quando assentava na sua fidelidade, o pintor supôs que o peixe, efetuando um número de mágica, mostrava que existia apenas uma lei abrangendo tanto o mundo das coisas como o da imaginação. Era a lei da metamorfose. Compreendida esta espécie de fidelidade, o artista pintou um peixe amarelo. (HELDER, 1997, p.21;22)

A partir deste texto, é possível fazer algumas considerações acerca da poética de Herberto Helder. Para o autor, a lei da metamorfose é a lei que preside toda criação

artística, pois o pintor estava pintando o peixe que ele acreditava ser vermelho e, no processo de passar o que estava vendo para o quadro, o peixe mudou de cor. Assim, a mudança aconteceu no momento em que o pintor ia concretizar uma imagem fixa do peixe em um quadro, o que, na verdade, não existe, já que a realidade está em constante transformação. Ao pensar que o peixe era uma estrutura fixa, o próprio peixe mostrou ser instável, ser flexível a outras condições.

A ideia de transformação remete ao deslocamento. E na poesia herbertiana, os seres e as coisas estão sofrendo constantes alterações, são mecanismos totalmente flexíveis e instáveis. A atividade de mutação é retratada no conto, sendo o peixe o corpo material que torna possível a desarticulação daquilo que é imóvel, mostrando, assim, a flexibilidade da matéria, não sendo possível reduzir nada a um sentido único, definitivo.

O mesmo acontece com o poema, que está em constante movimento. Herberto Helder afirmou que o livro flutua e que está em constante suspensão. Assim também é o poema, está sempre se modificando, aceitando variadas possibilidades de leitura. Então, o objetivo do poeta é trabalhar na transformação, na metamorfose, como fez o pintor, que entendeu o que acontecera e abriu mão da realidade, permitindo a liberdade artística.

O conto também aborda a questão da fidelidade, pois o poeta acreditava estar sendo fiel à imagem que estava vendo do peixe e ao tentar concretizá-la percebeu que a fidelidade não existe. Assim, para Herberto Helder, o artista só deve ser fiel à lei da metamorfose. É com base nesta lei que preside todo o trabalho artístico e poético que pensaremos o trabalho tradutório realizado por Herberto Helder.

O conto em questão pode servir como modelo para avaliarmos o trabalho de tradução realizado pelo poeta. A tradução literária é aquela em que o tradutor, assim como o pintor no conto “Teoria das Cores”, não busca a fidelidade em relação à obra original. O importante é a possibilidade de modificar a própria língua materna e de recuperar o brilho do original na obra traduzida.

A tradução possibilita a Herberto Helder o trabalho de citação e de apropriação de outros poetas, visto que nem sempre o poeta especifica quem está citando: “Se Herberto Helder cita outros poetas é porque considera que há uma forma produtiva de citação, e que me parece ser a utilizada por aqueles que, como ele, são capazes de entrar no tempo mítico do poema” (SANTOS, 1998, p.4). Assim, percebemos que a apropriação do estrangeiro é algo positivo na poética herbertiana, pois o poeta consegue transmutar o que está na obra alheia e implantá-lo na sua obra. Há uma relação muito próxima entre o trabalho de citação e o trabalho de transmutação, e as obras de Herberto Helder são um exemplo disso, como o próprio poeta define em um de seus livros:

A transmutação é o fundamento geral e universal do mundo. Alcança as coisas, os animais e o homem como o seu corpo e a sua linguagem. Trabalhar na transmutação, na transformação, na metamorfose, é obra própria nossa. (...) o poema é o corpo da transmutação, a árvore do ouro, vida transformada: a obra. (HELDER, 1977, p. 21).

Novamente podemos ver que o trabalho de tradução não se afasta do próprio trabalho de criação, ambos estão relacionados a um processo de transformação da língua. Ambos buscam uma mudança para a língua, uma forma de metamorfosear seus sentidos denotativos e ressignificá-los. Em suas obras poéticas, Herberto Helder procura essa deformação, essa transformação da língua, levando em consideração todas as possibilidades que a liberdade tradutória oferece.

Herberto Helder acredita que o contato com o outro é fundamental para a língua

materna. É a partir do contato com o outro que a língua poderá evoluir. O poeta, assim como o bom tradutor, deve compreender que não haverá a possibilidade de ser feliz e completo em toda a obra. Haverá falhas e ausências de elementos linguísticos, como podemos perceber ao final de um poema em que o Herberto Helder nos dá uma possível definição do que seria a tradução: “Acertar, através do erro feliz e de uma invenção de movimento, com a potência directa natural da poesia.” (HELDER, 1997, p.45).

Ao traduzir, sempre faltará uma palavra ou expressão, e o bom tradutor, para poder transportar os brilhos sentidos na língua estrangeira para a língua nacional, acrescenta e retira elementos da obra original, tendo total liberdade para modificar a língua original e a língua materna, porque esse é o limite da tradução, errar e compreender que o erro faz parte do processo, a tradução é um erro feliz. A potência máxima da tradução é o erro feliz, visto que ela não conseguirá acertar em todos os aspectos, ela terá que abdicar de algum dos elementos para transportar o mais importante, o brilho sentido no original e a imensa vontade de ultrapassar as barreiras linguísticas em prol de um bem maior, o bem da poesia.

Assim, podemos perceber a importância da atividade criadora do tradutor para o poeta Herberto Helder, e podemos relacionar com a importância criadora presente nas reflexões de Sartre, que, apesar de estabelecer uma relação entre autor e leitor, nos ajuda a pensar no papel do tradutor como leitor, e, desta maneira, entender como é essencial e complementar a relação existente entre autor e tradutor, para a criação de um bem maior, a obra de arte, pois só ela é capaz de criar um novo pedaço do mundo, abaixo uma citação de Sartre:

Assim, a leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor, cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo, Essa confiança já é, em si mesma, generosidade: ninguém pode obrigar o autor a crer que o leitor fará uso da sua liberdade; ninguém pode obrigar o leitor a crer que o autor fez uso da sua. É uma decisão livre que cada um deles toma independentemente. (SARTRE, 1989, p.46).

Por fim e com base nesta citação, podemos afirmar a importância da relação de confiança entre autor e leitor, principalmente no que concerne a liberdade. Levando em consideração o paralelismo na relação entre autor/leitor e autor/tradutor, esta afirmação de Sartre nos permite propor a liberdade como ponto fundamental em ambos os lados, pois ela é essencial para a autonomia criadora, visto que é a única forma de se criar uma obra de arte, e, conseqüentemente, uma regenerada e renovada relação com o mundo.

REFERÊNCIAS:

- HEIDEGGER, Martin. A linguagem. In: *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Calvacante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 11-19.
- HEIDEGGER, Martin. Poeticamente o homem habita. *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 165-181.
- HELDER, Herberto. *O Corpo O Luxo A Obra*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1977.
- HELDER, Herberto. *Os passos em volta*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.
- LEAL, G. Guimarães Izabela. Da memória à tradução: o erro das musas distraídas. In: JACOTO, Lilian; MAFFEI, Luis. Organização de. *Soldado aos laços das constelações Herberto Helder*. São Paulo: Lumme, 2011, p.25-35.
- SANTOS, Maria Etelvina. *Herberto Helder – Territórios de uma poética* -. Rio de Janeiro:

Cátedra/PUC. In: Revista Semear, dez/1998. Disponível em <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_4.html>. Acesso em: <12/12/2012>.

SARTRE, Jean-Paul. Por que escrever?. In: *Que é a literatura?* [1947]. Trad. Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 1989. P. 32-53.